

REVISITANDO UM CLÁSSICO: “A FAMÍLIA BRASILEIRA” DE ANTONIO CANDIDO

Ana Crhistina Vanali
Celso Fernando Claro de Oliveira

Resumo

O presente artigo busca explorar e debater a relevância de um texto de Antônio Candido sobre a família brasileira como objeto de estudo nas Ciências Sociais, originalmente publicado em língua inglesa em 1951 e ainda sem tradução para o português. O propósito de retomar um texto da década de 1950 é demonstrar a influência do trabalho de Candido sobre os recentes estudos historiográficos e sociológicos a respeito da família brasileira que apontam a abrangência dos laços familiares na constituição da ordem pública, na formação da estrutura de classes e na consolidação do Estado-nação brasileiro.

Palavras-chave: A família brasileira; Antônio Candido; Família e política.

Abstract

This article seeks to explore and debate the relevance of a text written by Antônio Candido on the Brazilian family as an object of study in the Social Sciences, originally published in English in 1951 and still not translated into Portuguese. The purpose of revisiting a text from the 1950s is to demonstrate the influence of Candido's work on the recent historiographical and sociological studies about the Brazilian family that point out the comprehensiveness of family ties in the constitution of public order, in the formation of class structure and in consolidation of the Brazilian nation-state.

Keywords: “The Brazilian family”; Antônio Candido; Family and politics.



Curitiba, 1926

Coleção Arthur Júlio Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos sobre a família surgiram na Europa do século XV com pesquisadores ingleses e franceses. São muitos e variados os temas a respeito dessa área, desde os trabalhos de pesquisa medievais que se voltavam para a literatura e os sítios arqueológicos, passando pela revolução desencadeada pela historiografia moderna – que teve por base as fontes paroquiais como registros de nascimentos, casamentos e óbitos (LE GOFF, 1957; FARIA, 1997) – até os estudos da contemporaneidade que podem utilizar a documentação da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias (Mórmons), que contém mais de 240 milhões de nomes no Internacional Genealogical Index, através da Family Search, cujo conteúdo abrange países como os Estados Unidos, o México, as Ilhas Britânicas e o Brasil, além de nações da Escandinávia e da Europa Ocidental¹.

A história da família ocidental é marcada pela diversidade, de modo que as definições de ‘família’ variam temporal e espacialmente, conforme assinala Sheila de Castro Faria (1997). A autora, contudo, aponta algumas permanências, como “a primazia da coabitação [que] predominava sobre todas as outras relações, inclusive as consanguíneas. Assim, a família englobava todos os que eram ‘gente da casa’, podendo ser criados, parentes, etc.” e a forte ligação com o “espaço doméstico, independente do sentido público ou privado que ele possa ter, nas diversas épocas” (FARIA, 1997, p. 242). Nesse sentido, defende a historiadora, seria mais correto falarmos de uma História das Famílias.

Faria (1997) continua sua análise assinalando que a História das Famílias, bem como, a demografia histórica, encontram-se em uma encruzilhada: se, por um lado, há objetos e objetivos bem definidos, trata-se também de um campo de estudos com uma extensa área de interseção com outros ramos de conhecimento. Tal condição permite um entrecruzamento de debates que podem enriquecer os trabalhos, mas que exige cuidados por parte do pesquisador. No Brasil, esse campo de estudos se desenvolveu tanto a partir da influência de trabalhos produzidos na Europa e nos Estados Unidos, quanto do apoio da demografia histórica. Cabe destacar que embora essa última área tenha recebido críticas por sua abordagem empiricista, também contribuiu para fornecer maior respaldo às análises que fugiam do mero exercício ensaístico (FARIA, 1997, p.241-242).

¹ Disponível em <http://www.lds.org.br/> (sítio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: Brasil). Acesso 18.abril.2017.

No início do século XX, a temática da família também é abordada em sua relação com o Estado, a fim de se compreender o processo de formação da nação brasileira². Nesse contexto, é publicado em 1933 o estudo clássico de Gilberto Freyre, “Casa-grande e senzala”, que sublinhava o perfil patriarcal da família brasileira. A família de tipo patriarcal pode ser definida como um grupo complexo e numeroso, que congregava o senhor – todo poderoso – e sua esposa, seus filhos, noras, genros e netos, aos quais se adicionavam parentes, afilhados, concubinas, filhos ilegítimos e agregados, acompanhados pela escravaria e circundado pelos vizinhos e amigos. Pode-se dizer que foi Freyre (1986) quem colocou a família no centro do debate, pois a considerava a base da estruturação da sociedade colonial. Na sua perspectiva era a família – e não o indivíduo ou o Estado – o verdadeiro fator colonizador do Brasil, exercendo a justiça, controlando a política, produzindo riquezas, ampliando territórios e imprimindo o ritmo da vida religiosa.

Também inserida nessa vertente está a contribuição de Oliveira Vianna (1987) ao utilizar o conceito de clã parental para estudar a família senhorial e a formação da sociedade brasileira. Sérgio Buarque de Holanda (1977) foi outro autor que se aprofundou nas discussões a respeito da família em “Raízes do Brasil”, obra em que apontou a importância do pater-familias na empresa colonial, sublinhando que a família patriarcal e latifundiária não pretendia formar cidadãos, e sim, parentes, propiciando a invasão do público pelo privado, do Estado pela família.

Os ensaios sobre a família produzidos por esses autores não podiam desvincular-se das especificidades de nossa sociedade, marcada pelo escravismo e pelo patriarcalismo, bem como, do próprio contexto de produção de cada uma das obras em questão. Cabe salientar que, na década de 1930, o governo Vargas propunha um novo projeto de Estado-nação pautado na busca pelo homem novo brasileiro, na valorização do trabalho e na consolidação de uma grande base de apoio para o Executivo forte. Embora não seja aqui nosso objetivo debater cada uma dessas propostas, convém mencionar que elas apresentavam diferentes perspectivas sobre a formação do Estado e da família brasileiras, exercendo notável influência sobre a produção da área nos anos seguintes.

² Os estudos sobre família que abordam os aspectos demográficos, migratórios, territoriais, econômicos, psicológicos e de colonização também fornecem elementos importantes para a compreensão das organizações e das dinâmicas familiares e não podem ser desconsiderados.

2. UMA INICIATIVA PIONEIRA

O artigo escrito por Antonio Candido aqui analisado faz parte do livro ‘Brazil: Portrait of Half a Continent’. Tal obra foi o resultado de um encontro de pesquisadores promovido pelo Institute of Brazilian Studies da Vanderbilt University em 1948. A organização do material coube ao sociólogo Thomas Lynn Smith e ao historiador Alexander Marchant, que haviam feito parte do corpo docente do centro de pesquisas, bem como, do grupo responsável pela fundação do mesmo no ano anterior. A criação do órgão foi uma iniciativa pioneira, pois se trata de um dos primeiros centros estadunidenses especializados em temas brasileiros, o que contribuiu para consolidar a Vanderbilt University como referência na área³. No início dos anos 1950, a mesma universidade promoveu – com o apoio da Biblioteca do Congresso – um evento internacional de estudos luso-brasileiros em Washington, que também se tornou tradicional.

O interesse dos Estados Unidos pelo Brasil não era algo novo ou inusitado. Desde os anos 1930, grupos de pesquisas relacionados a empresas multinacionais ou importantes instituições educacionais e filantrópicas estadunidenses realizavam parcerias para o desenvolvimento de estudos no Brasil. Muitas dessas iniciativas serviram para mapear as potencialidades econômicas do país, bem como, foram utilizadas para combater a difusão de ‘ideologias’ que fossem consideradas prejudiciais aos interesses estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, como o fascismo e as correntes de esquerda⁴.

Com o fim do conflito, Washington voltou seus interesses para a reconstrução da Europa e a contenção do avanço das ideias de esquerda durante o processo de recuperação do continente arrasado pela guerra. Nesse cenário, o relacionamento com o Brasil arrefeceu e muitas iniciativas no campo educacional que contavam com o apoio do governo estadunidense foram relegadas a um segundo plano. Todavia, projetos apresentados por particulares continuaram ocorrendo e desembocaram em parcerias de sucesso, como aquelas empreendidas

³ Thomas Lynn Smith (1903-1976) foi um eminente especialista em pesquisas relacionadas à América Latina e ao sul dos Estados Unidos. Os temas de seus trabalhos abrangem estudos demográficos, a questão agrária e religiosidade. Trabalhou para a Vanderbilt University até 1949, quando foi transferido para a University of Florida, onde lecionou até sua morte. Por seus trabalhos, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade de São Paulo (USP). Infelizmente, não encontramos informações biográficas significativas sobre Marchant, embora nosso levantamento tenha nos permitido assinalar que ele se manteve ligado à Vanderbilt University por um longo período, tornando-se referência em estudos sobre o Brasil colonial. Ver: EAKIN; ALMEIDA, 2005.

⁴ Um dos casos mais emblemáticos foi o da Fundação Rockefeller, capitaneada pelo político e magnata da indústria do petróleo Nelson Aldrich Rockefeller, que desempenhou um papel essencial no estreitamento das relações entre os dois países nas décadas de 1940 e 1950. Sobre o tema, consultar: MARINHO, 2001; TOTA, 2014.

pela Vanderbilt University⁵. Cabe ainda destacar que as relações entre os estudiosos brasileiros e estadunidenses não pode ser reduzida somente a interesses geopolíticos, uma vez que tal análise implicaria em renegar a existência de tentativas de aproximação entre as academias de ambos os países com base no interesse científico.

O rol de pesquisadores que contribuiu com o livro *‘Brazil: Portrait of Half a Continent’* inclui autores brasileiros e estadunidenses de renome, ligados a grandes centros de ensino superior ou órgãos governamentais de ambos os países. Os autores brasileiros escolhidos para o projeto faziam parte de uma rede de contatos desenvolvida por Smith, que atuou na Universidade de São Paulo e, ao retornar para os Estados Unidos, fomentou o intercâmbio com diversos estudiosos latino-americanos para períodos de trabalho na University of Florida. A lista era composta pelos seguintes nomes: Antonio Carneiro Leão, J. V. Freitas Marcondes, Arthur Ramos, José Arthur Rios, Carlos Borges Schmidt, Hilgard O’Reilly Sternberg, Dorival Teixeira Vieira e Fernando Azevedo. O corpo de ensaístas estadunidenses, por sua vez, era formado por Reynold E. Carlson, Preston E. James, Gerrit de Jong Jr., Anyda Marchant e Earl W. Thomas. Completavam o grupo o francês Roger Bastide e o alemão Emilio Willems, que à época atuavam no Brasil.

Como é possível observar no parágrafo acima, Antonio Candido não estava inicialmente escalado para contribuir com o livro, mas sim Fernando de Azevedo, que ocupava a cadeira de Sociologia II da Universidade de São Paulo/USP. Impossibilitado de escrever o artigo sobre a família brasileira, Azevedo recomendou aos editores o nome de Candido que, à época, assessorava-o como professor assistente⁶. Sua contribuição para *‘Brazil: Portrait of Half*

⁵ O governo estadunidense somente voltaria a olhar para a América Latina com interesse e preocupação revigorados após o sucesso da Revolução Cubana, em 1959. A partir de então, foi desenvolvida uma série de iniciativas voltadas a combater a penetração do comunismo no continente, desde o patrocínio a projetos de pesquisa à intervenção política por meio de golpes de Estado (EAKIN; ALMEIDA, 2005, p. 11).

⁶ Antonio Candido (1918-2017) formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Especializou-se em estudos literários e também da família tradicional brasileira, obtendo os graus de livre-docente pelo trabalho *‘Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero’* (1945) e de doutor em Ciências Sociais com a tese *‘Parceiros do Rio Bonito’* (1954). Ao final dos anos 1950, passou a lecionar disciplinas relacionadas à literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1960) e dali transferiu-se para a USP (1961-1978). Mesmo aposentado, continuou ativo no programa de pós-graduação da USP, até 1992. Paralelamente às atividades acadêmicas, atuou como crítico literário e foi militante do Partido Socialista Brasileiro e, posteriormente, no Partido dos Trabalhadores. Foi casado com a também socióloga e professora Gilda de Mello e Souza, com quem teve três filhas: as historiadoras Laura de Mello e Souza e Marina de Mello e Souza, e a designer e escritora Ana Luisa Escorel. Ao longo de sua carreira, Candido recebeu importantes galardões nacionais e internacionais, incluindo quatro Prêmios Jabuti - na categoria História Literária pelo livro *‘Formação da Literatura Brasileira’* (1960); na categoria Poesia por *‘Os Parceiros do Rio Bonito’* (1965); e duas vezes na categoria Estudos Literários (Ensaio) por *‘Brigada Ligeira e Outros Escritos’* (1993) e *‘O Discurso e a Cidade’* (1994); além de ter sido eleito a Personalidade Literária do Ano em 1966. Recebeu também o Prêmio Camões (1998), considerado o Nobel da literatura lusófona. Convém destacar que o sítio do Prêmio Jabuti não deixa claro o motivo pelo qual *‘Os Parceiros do Rio Bonito’* foi premiado na categoria Poesia. PRÊMIO Jabuti (online); BIBLIOTECA Nacional (online). Para saber mais sobre a trajetória de Antonio Candido consultar JACKSON, 2002.

a *Continent* tornou-se um clássico, sobretudo para os estudos sociológicos da família brasileira, visto que realizou uma análise histórica da estrutura interna, das funções sociais e das transformações sofridas por essa instituição entre os séculos XVI a XX.

Candido parte do pressuposto de que a família patriarcal colonial “foi a base sobre a qual se desenvolve a moderna família conjugal, cujos traços só podem ser entendidos se examinarmos sua origem” (CANDIDO, 1951, p. 291). Primeiramente, esclarece o autor, os colonizadores portugueses procuraram transplantar a família europeia para o território brasileiro, contudo, tal iniciativa esbarrou em obstáculos como a ausência de mulheres brancas e o grande número de mulheres nativas e, posteriormente, de origem africana. Nesse cenário, a “natureza sincrética da formação étnica portuguesa” favoreceu o estabelecimento de relações pautadas na miscigenação racial (CANDIDO, 1951, p. 293) – tal argumento revela uma notável influência do pensamento de Gilberto Freyre sobre o autor. Além disso, o relacionamento com descendentes de chefes indígenas era considerado um importante meio de se obter apoio político em algumas regiões da colônia.

Mesmo o estabelecimento de instituições que buscavam regular o comportamento sexual dos colonos, como a Igreja, não impediu que tais formas de relacionamento continuassem se perpetuando. Tal dinâmica permitiu a formação de um modelo de família patriarcal estruturado a partir de dois núcleos:

Um núcleo central, reconhecido legalmente, composto do casal de pele branca e seus filhos legítimos; e de uma periferia nem sempre bem definida, formada por escravos e agregados, indígenas, africanos ou mestiços, na qual se incluíam as concubinas do chefe familiar e seus filhos ilegítimos (CANDIDO, 1951, p. 293).

Candido assinala que, em um território vasto, pouco povoado e marcado pela ausência de uma maior integração entre os espaços de povoamento inicial, o núcleo central da família se estruturou como o espaço dominante de relações sociais do Brasil colonial. E, mais do que isso, esse mesmo núcleo passou a servir para determinar as possibilidades de participação no cenário político, de ascensão social e de oportunidades de trabalho. Dadas essas condições, o núcleo familiar central passou a ser marcado por relações hierárquicas rígidas, havendo a predominância dos homens sobre as mulheres e das gerações mais antigas sobre as mais jovens.

A importância da família como núcleo central de sociabilidade do período colonial conferiu grande importância às relações entre parentes, bem como, às relações entre a família e seus agregados sobre a vida dos indivíduos. A partir do conceito de ‘solidariedade parental’ o

autor aponta que a unidade familiar “não estava limitada a pais, filhos, irmãos e irmãs: tendia a integrar grupos maiores que juntos constituíam o sistema social por excelência do Brasil patriarcal” (CANDIDO, 1951, p. 298). Ou seja, durante o período colonial, o núcleo familiar era a molécula social básica que sustentava a organização econômica, política e de relacionamentos, predominando como elemento decisivo na dinâmica social brasileira. Assim, Candido confere grande relevância aos laços de parentesco, clientelismo, concubinação e bastardia no período colonial.

As relações de subordinação entre gerações e gêneros eram caracterizadas não somente pelo comando do *pater familias*, um tipo violento e dominante que regia com mão-de-ferro os rumos de sua propriedade e sua família, mas também por todo um conjunto de rituais de demonstração de respeito – como o ato de pedir a benção aos mais velhos. Isso não significa dizer que a família colonial brasileira constituía um bloco monolítico: contrariando algumas das visões dominantes à época, Candido assinala a existência de uma notável fluidez nas relações entre homens e mulheres, de modo que algumas senhoras da alta sociedade chegaram a assumir o controle de grandes latifúndios diante de maridos incapacitados, ou então atuaram na gestão de importantes tarefas para o bom funcionamento da propriedade. O autor destaca ainda que muitas senhoras não omitiam seu descontentamento quanto aos casos extraconjugais de seus esposos, aplicando castigos aos homens e suas amantes.

A respeito aos relacionamentos entre diferentes gerações, as possibilidades de fugir do controle patriarcal eram menores, especialmente em questões ligadas ao casamento. Nas palavras do autor, o matrimônio era “considerado um ato demasiado importante para ser deixado à boa-vontade das partes interessadas” (CANDIDO, 1951, p.296) A escolha dos cônjuges perpassava por uma série de questões políticas e econômicas, de modo que, muitas vezes, o casamento era firmado entre parentes distantes como uma forma de perpetuar o poderio familiar. Além disso, ressalta Candido, mesmo após o ato sacramentado pela Igreja, o casal comumente habitava a casa dos pais do marido ou da esposa. Essa dinâmica afetava de forma negativa a satisfação das necessidades afetivas dos indivíduos, outro elemento ao qual o autor atribui grande importância ao longo de sua análise.

Se o núcleo central da família era a instituição principal da vida no Brasil Colônia, a importância da periferia familiar não deve ser desconsiderada. Esta última englobava a maior parte da população e incluía um grande número de agregados que desempenhavam funções diversas; além de criados a concubinas e filhos bastardos dos *pater familias*. Ao contrário do que ocorria em outras colônias e nações europeias, a prole ilegítima se tornou peça-chave nas

relações de poder estabelecidas durante o período colonial brasileiro, servindo para estreitar os laços entre famílias poderosas. Essa postura reforça, segundo Candido, a visão da família como uma organização cujas funções primordiais eram de caráter político e econômico.

Ainda que filhos bastardos pudessem ser afastados do núcleo familiar central, era necessário um intrincado conjunto de condições para efetivar tal separação:

Os conceitos de ilegitimidade, miscigenação racial, e a falta de status social estavam, portanto, intimamente conectados e apenas em conjunto poderiam significar a desqualificação do indivíduo; qualquer um desses conceitos, por si só, era insuficiente para impedir a aceitação de uma pessoa pela sociedade. Por exemplo, uma pessoa mestiça rica ou o filho ilegítimo vindo de uma boa família e criado por ela não eram encaixados no estereótipo (CANDIDO, 1951, p.302).

É interessante observar que Candido conclui seu texto voltando-se para um tema que se tornaria o centro de grandes debates nas décadas seguintes: as transformações da família a partir dos anos 1950. Candido considerava que a família predominante ao longo do período colonial vinha passando por um notável processo de mudanças desde o início do século XIX. Tais mudanças estavam associadas a rearranjos nas estruturas sociais e econômicas do país, que forçavam a família patriarcal a se adaptar a novas demandas. Aliás, é justamente esse olhar sobre a família como uma instituição historicamente influenciada pelo contexto histórico outra das grandes contribuições do artigo.

Em algumas de suas reflexões, Candido já assinala, por exemplo, mudanças importantes nos padrões familiares no período após a Segunda Guerra Mundial, tais como novas questões a respeito de temas como namoro, casamento e trabalho, além de novas formas de relações entre pais e filhos, parentes e vizinhos. Nesse sentido, o autor assinalava que o sistema de parentesco brasileiro encontrava-se em decadência e apontou o lento desaparecimento da hegemonia familiar na política nacional, primeiro no Centro-Sul e depois nas regiões do Norte e do Nordeste. A fim de corroborar tais argumentos, Candido relacionou a diminuição das influências familiares nos governos estaduais e locais à intensificação dos processos de urbanização e industrialização que ganhavam forças no país (CANDIDO, 1951, p. 309).

Entre as principais mudanças verificáveis, na opinião de Candido, estava a decadência do pai como chefe familiar. O autor afirma que, em grande medida, tal transformação se explicava pelas novas possibilidades de vida proporcionadas pela diversificação da economia brasileira. A industrialização, por exemplo, ofereceu novas oportunidades de trabalho para homens e mulheres, que serviram para alterar a dinâmica existente das relações de gerações e gêneros, conferindo, por exemplo, maior liberdade quanto a escolha dos parceiros e cônjuges.

Todavia, isso não implicou uma ruptura definitiva nos padrões de comportamento vigentes, uma vez que fatores morais continuaram a exercer grande influência no cotidiano. Mesmo em áreas marcadas por acentuados processos de urbanização, registra o autor, os estereótipos da mulher submissa e do machão que não consegue conter os impulsos sexuais eram dominantes na mentalidade da população brasileira.

Escrito na virada dos anos 1940-1950, ‘The Brazilian Family’ guarda muitas das características predominantes nos estudos sobre a família produzidos até meados dos anos 1950. Segundo afirma Faria (1997, p.81), até então, esse campo de estudos se restringia a “análises genealógicas, quase sempre de grupos da elite, e baseados em fontes subjetivas”, de modo que a maior parte da população era mantida à margem das pesquisas. Muitas das fontes empregadas por Candido, por exemplo, são cartas ou registros genealógicos de famílias da elite colonial brasileira, em especial, da região Sudeste. Esse recorte documental, contudo, deve ser compreendido à luz das dificuldades de acesso e preservação das fontes, bem como, do próprio modo de “fazer pesquisa” vigente à época. É notável, também, a referência a grandes clássicos sobre a constituição da população e do Estado-nação brasileiros, como Silvio Romero, Alcântara Machado e Oliveira Vianna.

Por outro lado, convém destacar que o artigo apresenta um notável grau de reflexões desenvolvidas a partir de observações empíricas, conforme assinala o próprio Candido. Em grande medida, tais observações dizem respeito às transformações mais recentes no seio da família brasileira. A preocupação em se voltar, por exemplo, para as famílias de classe média e baixa dos setores urbanos rompe com a visão dominante assinalada por Faria, muito embora os debates propostos pelo autor nem sempre sejam desenvolvidos de forma satisfatória. Isso, talvez, se explique pelas próprias restrições de espaço características de um artigo.

‘Brazil: Portrait of Half a Continent’ foi bem recebido pelo meio científico estadunidense. Em uma resenha publicada na revista ‘American Anthropologist’, James B. Watson (1952) da Washington University definiu a obra como o melhor volume de ensaios sobre o país e elogiou o corpo de ensaístas selecionados para compor o trabalho, muito embora tenha assinalado que os iniciados no assunto poderiam reconhecer alguns antigos debates retomados pelos autores. Watson conferiu destaque ao trabalho de Candido, uma vez que pouco havia sido publicado sobre as origens e mudanças na família brasileira ao longo da história.

Apesar de sua importância para os estudos sociais, ‘The Brazilian Family’ já recebeu críticas pertinentes por parte de estudiosos do tema. A própria divisão da sociedade colonial

entre a família patriarcal e um “estrato social anômalo e amorfo” formado pelas classes subalternas já foi debatido por autores como Marisa Côrrea (1981), que observou no texto um posicionamento homogeneizante comum do darwinismo social: a definição de uma instituição bem localizada no tempo e no espaço (a família) que “transforma-se em matriz, em denominador comum, da sociedade colonial inteira” (CÔRREA, 1981, p. 19).

Partindo desse ponto, as estruturas e relações sociais acabam sendo reduzidas a meros reflexos da família patriarcal – seja ela originada do engenho ou do bandeirantismo. Desse modo, assinala Côrrea (1981), Candido parece defender uma ideia comum à época da escrita do texto, que aproximava o Brasil Colônia de uma sociedade primitiva que se desenvolve sem a interferência de instituições sociais maiores. Tal questionamento pode ser comprovado pelo fato que tanto o peso do Estado quanto da Igreja nas relações familiares é pouco desenvolvido ao longo do texto.

Côrrea assinala ainda que Candido não aborda outras formas de organização familiar que se estruturaram no Brasil colônia. A pesquisadora resgata o exemplo das áreas de sesmarias, marcadas pelo uso de mão-de-obra livre, maior diversificação das atividades econômicas e novas formas de relacionamentos entre ricos e pobres; entre brancos, negros e indígenas. Nas palavras da autora:

O problema principal de ambos os textos – Casa Grande e Senzala e “*The Brazilian Family*” – é o contraste entre essa sociedade multifacetada, flexível e dispersa, e a tentativa de acomodá-la dentro dos estreitos limites do engenho ou da fazenda, lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira. Recuando para o interior da instituição dominante, os autores [Gilberto Freyre e Antonio Candido] assumem o olhar de seus habitantes – os senhores brancos e suas famílias (CÔRREA, 1981, p. 9).

Apesar dos questionamentos apontados, ‘*The Brazilian Family*’ é considerado um clássico em seu campo de estudo. Desse modo, é até curioso que o artigo ainda não tenha sido traduzido para língua portuguesa e disponibilizado a um público maior. A única informação que encontramos a respeito de uma tradução do artigo foi de uma apostila disponibilizada para o curso de Sociologia da Universidade de Campinas, contudo, sem dados sobre o tradutor ou o impacto da mesma (RAMASSOTE, 2008, p. 222).

3. O DESAPARECIMENTO DA FAMÍLIA?

Foi somente nos anos 1960 que a História da Família se consolidou como um campo de estudos próprio, valendo-se das diferentes trajetórias desenvolvidas ao longo do século XX

para definir métodos quantitativos e qualitativos para a formação do corpus documental e uma análise crítica das fontes. Nesse cenário, estudos realizados na França e na Inglaterra – onde se notabilizou a atuação do chamado Grupo de Cambridge – contribuíram para derrubar uma série de mitos sobre a constituição das famílias na Europa moderna, como o de casamentos precoces ou o do elevado número de filhos.

Nesse período, são notáveis as influências da demografia histórica, os estudos de economia doméstica e os debates interdisciplinares com outros campos das ciências sociais (FARIA, 1997, p.252-253). No Brasil, a temática continuou a receber atenção crescente de outros estudiosos nas décadas de 1950 e 1960, através da incorporação de inúmeros intelectuais que escreveram sobre a organização e a estrutura da família brasileira, dando ênfase à questão do poder e ao papel das parentelas, buscando compreender as bases patriarcais da sociedade brasileira⁷.

Na década de 1970, os estudos da família caracterizaram-se pela diversificação temática, incorporando análises sobre a condição feminina, a criança, a ilegitimidade, o casamento, o concubinato e a transmissão de fortunas⁸. Nesse momento, alguns pesquisadores brasileiros buscaram adaptar propostas metodológicas estrangeiras – sobretudo, as provenientes do já mencionado Grupo de Cambridge – para a realidade nacional; além de sistematizar o uso de outros tipos de fontes documentais, como inventários e testamentos. De acordo com Faria (1997, p. 253-254), esta última mudança abriu caminho para um novo debate que, ainda hoje, se desdobra: como preservar e garantir o acesso a tais fontes?

É na década de 1980, a partir do processo de redemocratização, que a família passou a ser observada a partir das transformações desencadeadas pela atuação de diferentes movimentos sociais no país e as demandas por participação nos processos políticos (SADER, 1988). De acordo com Faria (1997), trata-se do momento em que os pesquisadores investem contra a perspectiva dominante de análise do sistema patriarcal consolidada por Freyre e adotada por Candido. Algumas das principais frentes de estudo voltaram-se ao papel das mulheres nos espaços públicos e privados, e também para a família negra, que ganhou maior força a partir das reflexões sobre a questão escravista devido ao primeiro centenário da abolição da escravidão no Brasil no ano de 1988⁹.

⁷ Consultar Emilio Willems (1953), Donald Pierson (1954), Oracy Nogueira (1962) e Charles Wagley (1968).

⁸ Consultar Marcílio (1973; 1977; 1993) e Silva (1984; 1989; 1995).

⁹ Consultar Cardoso (1977), Leite (1986), Schwartz (1988), Florentino e Goes (1997), Slenes (1999), Rocha (2004), Mattos e Rios (2005) e Reis (2007).

Os estudos que retomam a família como uma categoria de análise para o entendimento da cultura política brasileira são relativamente recentes, ressurgem a partir dos anos de 1990. Esses trabalhos se centram nas análises relativas às estratégias familiares e às redes sociais estabelecidas para lidar com os sistemas existentes, aproveitando-se de suas brechas para alcançar status e privilégios. Nesse contexto surge a ideia de redes familiares e sociais, contribuição conceitual importante para a análise do universo familiar, especialmente quando se opta pela abordagem do campo político. Além de estudar as estratégias familiares e as redes sociais de que se valem, a indicação nominativa é também fundamental, uma vez que essas relações são constituídas não apenas pelos vínculos de consanguinidade, aliança ou afinidade, mas a partir de vínculos de naturezas diversas, como os de subordinação e dependência¹⁰.

Desde o período colonial até o final do século XIX, não é possível deixar de notar que a família continuou a exercer papel central, não só entre os grupos mais privilegiados, como também entre os segmentos menos favorecidos¹¹. As diferentes abordagens tema família – desde aquelas que se centram na relação entre família e Estado, às que se encontram articuladas ao movimento de busca de novos objetos – correspondem a perspectivas de estudo que, embora plurais, não são excludentes. Isto é, tanto o estudo das trajetórias individuais, quanto o estudo das estratégias familiares podem oferecer outras chaves de compreensão sobre esse tema fundamental para o entendimento da sociedade brasileira, pois oferecem oportunidades diversas para desatar os “nós” das teias que são tecidas pela família.

Estudos como o de Oliveira (2000) têm demonstrado que quando falamos de classe dominante no Brasil, falamos em família no sentido de haver um vínculo, uma teia de alianças que faz com que ela se mantenha no poder. As famílias usam de sua racionalidade para “eleger” os filhotes que serão criados por ela, decidem quem incluir e excluir, de quem se aproximar e de quem se afastar. Faz-se necessário encontrar uma formulação do conceito de família adequada à realidade que se vai estudar e que será mediada pela documentação analisada: centra-se nas pessoas e nas suas relações que podem aglutinar diferentes agentes sociais em algo que pode ser chamado de família. Ou seja, a família é definida como um conjunto de relações recíprocas, tanto simétricas como assimétricas, estabelecidas e normatizadas socialmente, das quais estabelecem relações que vinculam e estabelecem “lugares sociais” condicionados por valores e regras próprios.

¹⁰ Consultar Canedo (1994; 1997; 2003; 2004) e Oliveira (2000; 2001; 2005; 2011; 2012; 2016).

¹¹ Trabalhos como Grill (2003) e Monteiro (2016; 2017), com recortes nos séculos XX e XXI, têm demonstrado como a categoria FAMÍLIA ainda se configura em uma chave de compreensão e de constituição de poder político no Brasil.

A história do Brasil pode ser contada a partir da história das famílias dominantes, das grandes famílias (HORTA, 1956). Por exemplo, o trabalho de Darrel Levi (1977) sobre “A Família Prado” no qual são recuperados os perfis individuais de membros dessa família para compor o quadro da família de elite modernizante paulista do século XIX ou mais recentemente o trabalho de Monteiro (2016; 2017) sobre as famílias políticas da Paraíba, apontando como o parentesco se transforma em um recurso social para a constituição dos quadros políticos no estado entre os anos de 1985 a 2015.

No caso das famílias dominantes¹², o parentesco é fundamental para entender a sustentação das redes de poder político e econômico¹³. O matrimônio arranjado entre parentes é uma garantia para a preservação do grupo e do patrimônio e um reforço entre ramos familiares. Lewin (1979), em seu clássico estudos sobre as famílias dominantes da Paraíba, recusa o termo elite explicando que no terreno político não se pode falar de famílias de elite, mas em redes de base familiar trazendo para o primeiro plano a família extensa ou parentela. A parentela definida pela autora abrangia as interligações de parentesco e de amizade entre várias famílias a partir de interesses comuns, formando uma rede política de base familiar.

Assim, o conceito de classe é mais apropriado para o entendimento dessa grande rede social e política de famílias viabilizadas por longas genealogias no poder desde a época colonial conforme aponta Ricardo Costa de Oliveira em seus vários estudos sobre as famílias políticas no Paraná, no Brasil e no mundo¹⁴. Ao realizar a cartografia do poder no estado do Paraná, Oliveira (2000; 2001) demonstra a complexa rede entre famílias e poder que compõem a sociedade paranaense com seus patrimônios, cargos e insígnias simbólicas ficando evidentes as relações entre as estruturas de parentesco e as estruturas de poder em termos de longa duração, conexão essa já apontada por Doria em sua obra “Os herdeiros do poder”, de 1994, para o qual os poderes sociais e políticos também são em boa parte questões genealógicas.

¹² Alguns estudos utilizam o termo “famílias de elite” para designar esse grupo específico das famílias dominantes. Levi (1977) ao estudar os Prado os definiu como uma elite modernizante caracterizada por traços tradicionais e modernos e cuja atuação foi importante no processo de transformações econômicas, culturais e políticas da cidade de São Paulo no final do século XIX (transição monarquia-república). Para Brioschi (1984) a família de elite se vinculava a um conjunto de pessoas reconhecidas e que se reconhecem como um grupo distinto, com sobrenome notável, posição de destaque e continuidade por várias gerações, em situação de poder econômico, político e prestígio social, associada a relações de parentesco.

¹³ Ver Oliveira (2001, 2012); Canedo (1994, 1997, 2003, 2004), Silva (1984), Lewin (1979), Bacellar (1997). Os textos de Letícia Bicalho Canedo estão disponíveis, a sua maioria, no blog <http://leticiacanedo.blogspot.com.br/>. Acesso em 18.setembro.2016.

¹⁴ Ver “**Political Families in Brazil and India. Social Structure and Hereditary Power**” apresentado no Third ISA (International Sociological Association) Forum of Sociology realizado em Viena/Austria de 10 a 14 de julho de 2016. Disponível em <http://www.isa-sociology.org/forum-2016/>. Acesso em 31.agosto.2016. Os textos de Ricardo Costa de Oliveira estão disponíveis no sítio da Academia EDU - <https://ufpr.academia.edu/RicardoCostadeOliveira>.

Algumas poucas famílias formam o núcleo duro da classe dominante histórica. Suas estruturas de parentesco formam parte da realidade social e política brasileira desde os tempos coloniais. A família, ao lado de outros fatores, é um dos principais elementos explicativos do social, visto que não herdamos apenas ativos como renda, patrimônio e propriedades, mas também herdamos privilégios e desigualdades. Os membros de uma família são agentes navegando na sociedade, organizando estruturas e o que os mantém “dentro do circuito”, como peso maior, é a estrutura familiar. Estrutura essa que é seletiva e expressa o interesse das classes dominantes, que apoia ou não a composição de novos quadros sociais.

Nesse sentido, não há dúvidas que Candido enganou-se quanto ao desaparecimento da política familiar no Brasil do século XX e mesmo do século XXI. Em um momento como o atual, em que a maior parte das instituições brasileiras encontra-se sob o controle de um grupo restrito de famílias que se perpetuam no poder, formando e desfazendo alianças conforme seus interesses políticos, o estudo sobre a família brasileira encontra importância renovada. E mesmo elementos que Candido considerava superados ainda hoje estão presentes: uma reportagem publicada pelo site de notícias UOL apontou que parte significativa dos jovens políticos brasileiros é eleita como modo de continuar com os projetos e ideias de seus genitores, abraçando projetos de caráter conservador e com pouca abertura para a participação política de grupos comumente mantidos à margem desse processo (HONORATO, online).

A predominância da família na cena política brasileira tornou-se amplamente visível durante a transmissão televisiva da votação que definiu os rumos do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016 – parte significativa dos membros da Câmara dos Deputados trazia os termos “Filho”, “Neto” ou “Sobrinho” em seus sobrenomes. No mesmo ano, um levantamento realizado pela Universidade de Brasília constatou que o número de “herdeiros políticos” representava metade dos deputados que compunham o órgão (MEDEIROS, online). Uma reportagem publicada no site Congresso em Foco, por sua vez, atentou para o fato de que dois terços dos senadores tinham familiares na política, alimentando a chamada “bancada dos parentes” (SARDINHA; CAMARGO, online). Para as eleições de 2018, o mesmo quadro permaneceu: utilizando o termo “dinastias políticas”, a Folha de S. Paulo assinalou recentemente que muitas famílias buscam se perpetuar no poder, escalando parentes para disputar cargos eletivos nas mais diferentes instâncias (BRAGON, online).

Portanto, concordamos com Oliveira (2012, p. 13) quando o autor assinala que a “família ainda importa” (grifos nossos). Isso não significa que as contribuições do artigo de Candido estão totalmente superadas. Em verdade, o ensaio pode ser lido como fonte de estudos

sobre o “fazer ciência” dominante na área de estudos sociais em meados do século XX. Além disso, é intrigante observar que muitos dos apontamentos colocados pelo autor a respeito da manutenção do poder por meio das relações de parentesco, bem como do predomínio da família no espaço público são elementos de notável permanência ao longo da História do Brasil, preservando boa parte de suas características mesmo após o desenvolvimento urbano e industrial do país a partir dos anos 1950. Ainda que algumas dinâmicas tenham mudado, os interesses de algumas (poucas) famílias continuam a ditar as cenas políticas da nação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales. **The family, marriage and divorce in Brasil**. In: Journal os Latin American Studies, V. III, 1961, p.213-237.

BACELLAR, Carlos A.P. **Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

BIBLIOTECA Nacional. **Prêmio Camões de Literatura**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>. Acesso em: 09.setembro.2017.

BRAGON, Ranier. **Dinastias políticas do Brasil lançam mais de 60 candidatos nas eleições** (Folha de S. Paulo, 19/08/2018). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/dinastias-politicas-do-brasil-lancam-mais-de-60-candidatos-nas-eleicoes.shtml>. Acesso em: 25.agosto.2018.

BRIOSCHI, Lucila. **Família e genealogia: quatro gerações de uma grande família do sudeste brasileiro**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História USP, 1984.

CANDIDO, Antonio. **The Brazilian Family**. In: SMITH, T. Lynn Smith e MARCHANT, Alexander (eds). Brazil: Portrait of Half a Continent. Nova York: The Dryden Press, 1951, p. 291-312.

CANEDO, Leticia Bicalho. A produção genealógica e os modos de transmissão de um capital político familiar em Minas Gerais. In: **Brasil Genealógico** - Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia, tomo IV, nº 3, 2003, Rio de Janeiro, v. IV, n.3, p. 09-37.

CANEDO, Leticia Bicalho. **As metáforas da família na transmissão do poder político: questões de método**. In: Cadernos CEDES, Campinas, v.18, n. 42, 1997, p. 29-52.

CANEDO, Leticia Bicalho. **Caminhos da Memória: parentesco e poder**. In: Revista Textos de História, Brasília, v. 2, n. 3, 1994, p. 85-122.

CANEDO, Leticia Bicalho. **Heranças e aprendizagens na transmissão da ordem política brasileira**. In: Cadernos CERU (USP), São Paulo/USP, v. 15, 2004, p. 103-130.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CORREA, Marisa. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.37, 1981, maio, p.5-16.

DORIA, Francisco. **Os herdeiros do poder**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

EAKIN, Marshall C. e ALMEIDA, Paulo Roberto de (2005). **Envisioning Brazil: A Guide to Brazilian Studies in the United States, 1945-2003**. Madison: The University of Winsconsin Press.

FARIA, Sheila de Castro. “História da família e demografia histórica”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1997, p. 241-258.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico**, Rio de Janeiro, c. 1790 – c.1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. Porto Alegre: Global Editora, 1986.

GRILL, Igor Castal. **Parentesco, redes e partidos: as bases das heranças políticas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Doutorado em Ciência Política UFRGS, 2003.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. 25ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

HONORATO, Ludimila. **Bancada Jovem #SQN: Deputados mais novos da Câmara mostram que ainda somos os mesmos e votamos como nossos pais**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/jovens-politicos#bancada-jovem-sqn>. Acesso em: 25.abril.2017.

HORTA, Cid R. **Famílias governamentais mineiras**. In: Revista de Estudo Mineiros. Belo Horizonte: UFMG, 1956, p. 44-91.

LE GOFF, Jacques. **Les intellectuels au moyen age**. Paris: Editions du Seuil, 1957.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1986.

LEVI, Darrel. **A família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1977.

LEWIN, Linda. **Some historical implications of kinship organization for Family based politics in the Brazilian Northeast**. In : Comparatives studies in society and History, v. 21, n.2, Cambridge University Press, 1979, p. 262-292.

MARCÍLIO, M. L. **A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850**. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1973.

MARCÍLIO, M. L. **Levantamentos Censitários da fase proto-estatística do Brasil.** Anais de História, v.9, 1977, p.63-75.

MARCÍLIO, M. L. **Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil.** São Paulo: CEDHAL-CEHILA/ Edições Loyola, 1993.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **Norte-americanos no Brasil:** Uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas: Autores Associados; São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MATTOS, Hebe e RIOS, Ana Lugão. **Memórias do cativo:** família, trabalho e cidadania pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MEDEIROS, Étore. **Herdeiros de políticos ocupam metade da Câmara** (Congresso em Foco, 03/02/2016). Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/herdeiros-de-politicos-ocupam-metade-da-camara/>. Acesso 18.julho.2017.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família:** os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites na Paraíba (1985-2015). Campina Grande/PB: Tese de Doutorado em Ciências Sociais da UFCG, 2016.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família:** para uma sociologia política das elites e do poder político familiar. São Paulo: LiberArs, 2017.

NOGUEIRA, Oracy. **Família e comunidade:** um estudo sociológico de Itapetininga. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Famílias históricas do litoral paranaense:** a família Miranda Coutinho. Curitiba: Disponível em http://www.rueidibastos.com.br/outras_familias/Amaro_de_Miranda_Coutinho.pdf. Acesso 17.agosto.2016.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Genealogia genética e Ciências Sociais:** um estudo de caso da Ilha Terceira, Açores, Portugal. Florianópolis: Núcleo de Estudos Açorianos (NEA-UFSC). Disponível em <http://nea.ufsc.br/files/2011/04/RICARDO.pdf>. Acesso 16.agosto.2016.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Na teia do nepotismo:** sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil. Curitiba: Editora Insight, 2012.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **A “nobreza da terra” nas vilas de Paranaguá, Curitiba e São Francisco do Sul.** Lisboa: Anais do Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime. Disponível em <http://www.iict.pt/pequenannobreza/arquivo/Doc/t1s2-03.pdf>. Acesso 31.agosto.2016.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores:** genealogia, classe dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Editora Moinho de Verbo, 2001.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio das genealogias:** classe dominante e Estado no Paraná (1853-1930). Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia da UNICAMP, 2000.

PIERSON, Donald. "The family in Brazil". In: **Marriage and family living**. V. XVI, n.4, 1954, p.308-314.

PRÊMIO Jabuti. **Premiados por edição**. Disponível em: <http://premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em: 09.setembro.2017

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A sociologia clandestina de Antonio Candido**. Tempo Social, São Paulo, v. 20, n. 1, janeiro de 2008, p. 219-237.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra nos tempos da escravidão**: Bahia, 1850-1888. Campinas: Tese de Doutorado em História UNICAMP, 2007.

ROCHA, Cristiany Miranda. **Gerações da Senzala**: famílias e estratégias escravas no contexto dos tráficos africano e interno. Campinas: Tese Doutorado em História UNICAMP, 2004.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970- 1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SARDINHA, Edson; CAMARGO, Renata. **Dois terços dos senadores têm parentes na política** (Congresso em Foco, 07/04/2011). Disponível em <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/dois-tercos-dos-senadores-tem-parentes-na-politica/>. Acesso 18.julho.2017.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: Engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Maria B. N. **Sistema de casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: TA Queiroz, 1984.

SILVA, Maria B. N. "Divorce in Colonial Brazil: the case of São Paulo". In: A. Lavrin (Ed.). **Sexuality and Marriage in Colonial Latin America**. University of Nebraska Press, 1989.

SILVA, Maria B. N. **História da Família**: tendências e metodologias. In: Ler História, v. 29, 1995, p.19-24.

SLENES, Robert. **Na senzala uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. **O amigo americano**: Nelson Rockefeller e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VIANNA, Oliveira. **Instituições políticas brasileiras**. Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 1987.

WAGLEY, Charles. "Kinship Patterns in Brazil: The Persistence of a Cultural Tradition". In: WAGLEY, Charles. **The Latin American Tradition**: essays on the unity and diversity of Latin American culture. Nova York, London: Columbia University Press, 1968, p. 175- 193.

WATSON, James B. *Brazil: Portrait of Half a Continent*. Edited by T. LYNN SMITH and ALEXANDER MARCHANT (466 pp., 50 illus., 30 tables. The Dryden Press, New York, 1951). In: **American Anthropologist**. Vol. 54, issue 1, 1952, p. 98-99.

WILLEMS, Emilio. "The Structure of the Brazilian Family". In: *Social Forces* 31, N.4., 1953, p. 339-345.

Ana Crhistina Vanali

Doutora em Sociologia pela UFPR
Professora de Sociologia do Colégio da Polícia Militar do Paraná/Curitiba
Professora da Faculdades da Indústria – IEL
anacvanali@gmail.com

Celso Fernando Claro de Oliveira

Doutor em História pela UFSC
Professor do IFPR/ Campus Capanema
celsooliveira88@gmail.com

Enviado em 29/12/2019

Aprovado 18/04/2020

A FAMÍLIA BRASILEIRA



Família Aberlado Ferreira, Curitiba, 1943.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba



Família de trabalhadores rurais, sem data, sem local.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba



Família ao ar livre, sem data, sem local.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba



Família curitibana em 5 de janeiro de 1947.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba



Família em frente à casa, sem data, sem local.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba



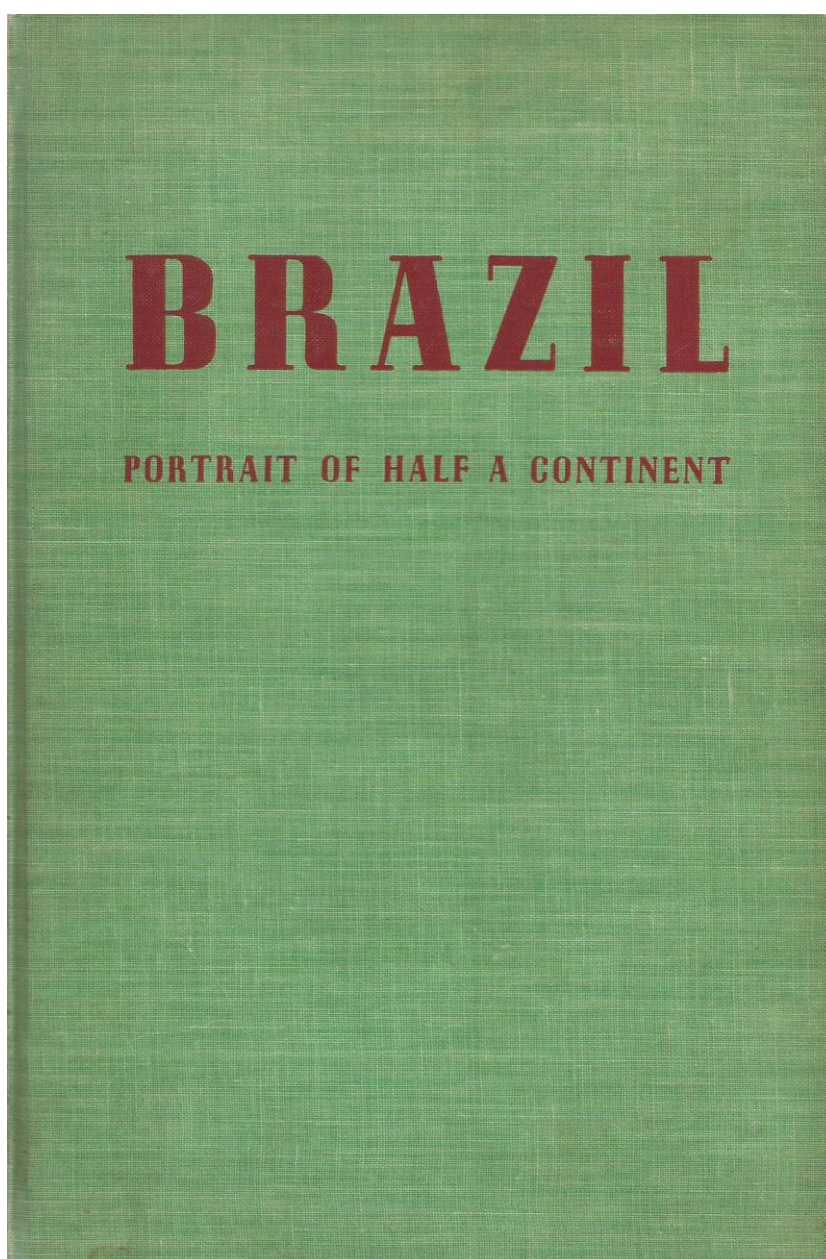
Família reunida por ocasião de um casamento, sem data, sem local.
Coleção Arthur Wischral. Acervo da Casa da Memória/Fundação Cultural de Curitiba

THE BRAZILIAN FAMILY

Antonio Candido
Universidade de São Paulo

Extraído de

SMITH, T. L. e MARCHANT, A. (eds). **Brazil, portrait of a continent**. N.Y.: The Dryden Press, 1951, p. 291-312.



THE BRAZILIAN FAMILY

Antonio Candido

Universidade de São Paulo

The sociological study of the Brazilian family in its historical perspective must be based upon the study of the changes in familial structure, changes which were produced by the simplification forced upon it by the reduction of its functions. Changes in the economic functions, in the modes of cultural participation, and in the types of domination and subordination bring about corresponding changes in the total relationships of the familial group, and new forms of solidarity emerge. Alongside the changes in structure proper are those which take place in the system of values and in the definition of a new moral situation. Thus the problem must be faced from a triple point of view; in its structural, functional, and moral aspects.

The emphasis upon the patriarchal family of past centuries is justified by the fact that it was the base upon which developed the modern conjugal family, whose traits can be understood only if we examine its origin. Although this chapter attempts to give a general outline of the problem, the author must state in the beginning that his own experience and also the examples given refer principally to the central and southern parts of the country, principally to the area of historical Paulista influence. However, this section includes approximately one half of the Brazilian population and is the area where the influences of urbanization and industrialization now under way are most accentuated.

Probably most of the Portuguese colonists who occupied Brazil and directed its affairs from the sixteenth century on came from the rural zones and from the middle and lower strata of society. If so they must have belonged to the type most conservative in cultural participation, being even more closely bound to the old patriarchal family structure than the higher strata and the urban populations.

It appears that the Portuguese began to modernize in the time of Dom João II and especially in that of his successor, Dom Manuel I, the king of the discoveries. Tradition, literature, and legend sketch the classical figure of the medieval pater-familias as a truculent and authoritarian group leader, a man of rude customs and possessing a high sense of his own dignity. "His temper was harsh and his heart hard", writes on historian, "with the rudeness of customs which characterized those times, the security of his own person, his family, and possessions, depended in large part upon the force of individual energy; hence the frequent harborings, aggressions, wounds, and killings, which accustomed him to the contemplation of violence and pain, inflicted or received"¹. If the refinements of the sixteenth century affected first the upper classes and the populations of the great cities, the Brazilian colonist should not have departed greatly from that characterization. Prior to 1780 a Luso-Brazilian poet involved the classical type of the father of the family in a sonnet which is a true indicator of what then was conceived of as the pattern of domestic organization:

Quando o torcido buço derramava terror no aspecto ao português sisudo
Quando, sem pó nem óleo, o pente agudo duro, intenso, o cabelo em laço atava...
Quando a mulher à sombra do marido tremer se via; quando a lei prudente zelava o sexo
do civil ruído.
Feliz então, então só inocente

era de Luso o reino. Oh! bem perdido! ditosa condição, ditosa gente!

(When the twisted mustache gave a fiery look to the grave old Portuguese; when the stiff hair knew scissors and was tied by a rough knot...
When the woman was seen to tremble at the very shadow of her husband; when a cautious law isolated that sex from the roar of the world;
Then, only then, how happy was the Lusitanian kingdom. Alas! lost good! Alas. Old happy condition, and happy people!)²

Following an initial state characterized by an accentuated sexual promiscuity, this was the ideal type of Brazilian family until the nineteenth century. It was reinforced by all the force of law, of religion, and of morals.

Actually, although in theory and, in many cases, in practice the Portuguese familial organization was transplanted here at the beginning of the colonial period, it did not find a favorable environment in the colony. The scarcity of white women and the presence at first of the Indian women and shortly after of Negro women, subjected by their servile condition to the desires of the conquerors, greatly increased irregular sexual relations and half-breeds appeared in quantity. The men, including the priests and the friars, with the exception of the Jesuits, who struggled tenaciously to regularize the unions and to prevent licentiousness, begot children out of wedlock with the slaves. Even after the proportions of the sexes in the white population were more equal, the concubinage of the Indian and Negro women continued.

Historians are accustomed to emphasize the propensity of the Portuguese for sexual relations with colored peoples – a propensity which is explained by the syncretic nature of the Portuguese ethnic formation, influenced by Moorish blood. Be that as it may, the intercourse was extensive and persistent, bringing about a process of racial mixture which greatly reduced, before the modern immigration of Europeans, the percentages of pure races in the population. Another literary document will enable us to understand the attitudes of the Portuguese in this respect. It is a sonnet by the great poet Bocage, directed against the natives of Portuguese India, where he served as a naval officer about 1780:

Lusos herois, cadáveres sedícios,
Erguei-vos dentre o pó, sombras honradas: Surgi, vinde exercer as mãos mirradas Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços:
Vinde salvar destes pardais castiços As searas de arroz por vós ganhadas; Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas,
Que elas culpas não têm, têm mil feitiços.

(Lusitanian heroes, oh ye rotten corpses; rise from the dust, honored shadows. Rise and come to exercise your withered hands on these villains, these dogs, these mestizos; Come and save from these caste-bound sparrows the crops of rice you have conquered; but – ah! Spare their delicate daughters, for they are not guilty, and have a thousand charms.)³

It is seen that for him sexual familiarities with the women did not eliminate the color prejudice, which persisted in an accentuated manner in Brazil during the colonial period and later. This prejudice was more social than racial, and it functioned in defense of the legal and arrogant family nucleus. But even so it permitted marriage with one of mixed blood, especially of the cross with the Indian, if of high social status, or with the illegitimate child of an illustrious family. Extremely rare, however, was the marriage of a white with a pure Indian or a pure Negro. In his study of inventories and testaments in the city of São Paulo, from

the sixteenth century to the eighteenth, Alcântara Machado encountered only one case of a marriage with and Indian, and even in this one, the husband certainly was a mameluco⁴. In the majority of the documents, however, there is reference to illegitimate children. This demonstrates, on the one hand, that racial intermixture occurred principally through irregular unions and that prejudice existed to a certain extent; and, on the other, that the white man recognized his mixed-blooded children and sought to make financial provisions for them, or at least to rescue them their mothers from the status of slaves. In this manner a social stratum was created that was to give rise to serious problems from the standpoint of status and sociocultural accommodation.

Frequently the solution was found in the patriarchal organization of the family itself, which presented a double structure: a central nucleus, legalized, composed of the white couple and their legitimate children; and a periphery not always well delineated, made up of the slaves and agregados, Indians, Negroes, or mixed bloods, in which were included the concubines of the chief and his illegitimate children. As we shall see later in more detail, from this periphery there broke off elements which either gained a place in the nucleus or forever separated themselves from it.

The legal nucleus was the core of the domestic organization and from the beginning it developed according to molds which persisted until a few decades ago. The chief's dominance was almost absolute, corresponding to the necessities of social organization in an immense country lacking police, and characterized by an economy which depended upon large-scale initiative and the command over a numerous labor force of slaves. It was a type of social organization in which the family necessarily was the dominant group in the process of socialization and integration, a group in which the distances were rigidly marked and regulated by the hierarchy. The son called the father and the mother *Senhor pai* and *Senhora Mãe* (father, my lord and mother, my lady), and addressed them as *Vossa Mercê* (your worship); and only later as *Senhor* and *Senhora*. The children asked for the parents blessing at morning, at night, and always when they met. The most common form, one that has almost entirely disappeared, consisted in saying, with bowed head and folded hands: "*Louvado seja*", or "*Louvado*", an abbreviation of "*Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*" (Blessed be Our Lord Jesus Christ). To this the father responded "*Para sempre seja louvado*" (Blessed be forever). Later on, more simply, "*A blessing*", and the father replied "*God bless you*". It is to be noted that the child did not take his father's hand; even today, except in the cities, a blessing is asked only with the mention of kissing the hand, and in the rural zone, among the *caboclos*, "*dar louvado*" still signifies "to give a blessing".

In turn the father almost always called the sons, *senhor* or *nhô*, in the South: "*Nhô José, vossemecê faça isso*", etc. (José, your worship, please do this.) The daughters were addressed also in this familiar manner: *Nhá Maria*, *Siá Maria*, *Mana Maria*, *senhora* or *vossemecê*. The older children had great authority over the younger ones, of whom frequently they were the godparents, and could punish them and command them after the death of the father. Toward the end of the nineteenth century a sexagenarian wrote to his oldest brother: "Your Excellency Baron de C. and my dear brother; I write this to Your Excellency", etc⁵.

Paternal authority was practically unlimited, since the sons remained subject to the father as long as he lived, dwelling frequently in his house or in one that he gave to them. Economic and political initiative

was his by right, and the proof of his omnipotence is encountered in some of the extreme cases in which he passed judgment upon rebellious offspring just as he judged his retainers and adversaries – without resort to royal justice. For example, in the seventeenth century Fernão Dias Pais ordered the hanging of his illegitimate son who was accused of rebellion in his *bandeira*; in Bahia, Pedro Vieira ordered one of his married legitimate sons who had betrayed him with a mistress to be put to death; in the eighteenth century Antonio de Oliveira Leitão in Minas Gerais with his ownhands executed a daughter who waved a handkerchief to one whom he thought to be her lover; in the nineteenth century, an illegitimate son of a Minas Gerais fazendeiro fled with one of his father's mistresses and the latter ordered his retainers to put both of them to death; and also in Minas Gerais, as late as the twentieth century, when one young couple ran away to get married against the wishes of the girl's family, the parents and grandparents of the bride ordered pursuit and after the couple were caught the youth was beaten so badly that he was crippled for life. These are exceptional cases but they illustrate the breadth of the paternal power in the patriarchal family and the violence with which it reacted to the menace of a rupture of domestic honor^{*15}.

It is probable that the writers have exaggerated the complete submission of the woman, almost eliminating her as an autonomous person in view of the prepotency of the husband. Almost universal is the stereotype of the authoritarian husband, surrounded with slave concubines, on full view of the wife, while she, her sentiments brutalized, develops as an indolent and enervated hothouse flower, lolling in the hammock and abusing the Negroes. In the light of the social formation in south Brazil, at least, the reality does not conform to this picture. Although she was subject to the husband and respected him greatly, and although the costumes condemned her to a system of seclusion, the fact is that in the management of the affairs of the house she always played such an important role that we cannot think of her as lacking capacities for command and initiative. Perhaps the problem of woman's status in the Brazilian family is better understood if it is viewed as the product of a dual social and cultural situation; in this case the woman appears as carrying on a specific type of cultural participation and a social function, different from those of the husband, and therefore not to be compared with his except with great caution. They are two complementary spheres, each with its ethos more or less differentiated from that of the other, often in conflict, but generally supporting each other in the maintenance of a considerable sociological balance.

The wife directed the work of the slaves, in the kitchen as well as in spinning, weaving, and sewing. She directed the making of the clothes for the slaves, the husband, and the children. She supervised the complicated artistic work of lacemaking and bordering. Hers was the task of providing the food for the slaves and retainers, of managing the keeping of the poultry, fruitgrowing, gardening, and flower raising – although slightly in most of the country. The woman had to look out for children and domestic animals. She cooperated, not infrequently, with the husband in the opening of new fazendas, in the felling of the forests and the planting. And she directed all of the commemorative activities, with which they observed and reinforced the social relationships in the kinship system. All this, which constituted the proper domain, the cultural and social universe of the woman, would hardly permit the mothers the indolence and passivity attributed to them. In nearly all of the country, life for the most part was hard, and the woman was expected to play her part directly and constantly. Not only were there frequent cases in which widows

^{*15} (In this, as in other examples, the writer does not give the identity of the persons involved.)

took over the direction of family affairs with energy and success, revealing themselves as genuine leaders, but also those in which the wife of a man who was incapable or incapacitated took her place at the head of the family. Even in the political history of the country there are various examples of mothers of families with strong abilities of leadership, as, for example, Dona Josefa Carneiro de Mendonça, one of the leaders of the 1842 liberal revolution in Minas Gerais. In a few of the privileged zones there may have been observed developing, among the highest social strata, the deceitful type of voluptuous mistress who provided sociology with its stereotype.

Thus the dominance of the husband was not so absolute, nor were his sexual activities so unhindered that he did not respect all the feminine sensitivities. After the initial period of relative chaos it is probable that the techniques of conjugal transgression became institutionalized in a more or less regular manner, and very early this must have been related to the same preoccupation with conformity and respect for appearances which characterizes it today. At least this is what we are led to believe by the long tradition of reprisals on the part of the wife, not only against her rivals but against the husband himself. The occurrence of this form of control indicates the existence of patterns according to which the woman, far from always being an impotent and docile witness of the transgressions in her sight, frequently took the initiative in correcting the situation. There were women who incited the reprisals of their parents and brothers against the unfaithful mates; who ordered their husbands' mistresses to be whipped, without the husbands' preventing it; who not infrequently ordered the paramour to be killed, and sometimes the husband himself as well. During the middle of the nineteenth century there was a famous case in the province of São Paulo: the trial of a fazendeira who, in the absence of her husband, ordered a red-hot iron to be thrust in the genital organs of his mistress, a beautiful mulata, causing her death. Acquitted (her father was an important political leader), she returned to her home and continued with her husband the marital life which had been interrupted briefly. This is an extreme case, but nevertheless it illustrates a defensive behavior which in less violent forms was habitual.

All in all we may conclude that the authoritarian predominance of the pater-familias did not exclude, as many have written, the active participation of women in the domestic society. Furthermore, perhaps it is possible to affirm that the patriarchal regime created, in Brazil, conditions for the exercise of certain virile aspects of feminine personality which favored the development of accentuated characteristics of command and initiative in the woman. Of no importance is the argument that Brazilian women became disorganized when, with the old social and domestic structure shattered, they were obliged to adjust to the struggle in the cities on a parity with the men. What is certain is that the maladjustment was of culture and of class, much more than of sex – so much so that the men themselves, accustomed to the paternalistic regime, became more maladjusted than the women. They hid in the routine bureaucracy or in the most complete decadence their profound incapacity to confront successfully the new requirements of behavior, while the females accommodated themselves with startling rapidity to the exigencies of modern life.

The relations between men and women were directly related to the type of marriage – considered as an act that was too important to be left to the volition of the interested parties. A baron of the Empire, a fazendeiro in Minas Gerais, said that good hunting dogs came from well-selected matings on the part of the master, because he was the one who knew which were the good pedigrees; left to themselves they would

soon deteriorate and lose their distinguishing qualities. The same is true of humans, who should be mated by the oldest and most experienced, because only a good breed crossed with a good breed produces a good breed. This, as is evident, is a concept according to which the individual is entirely subordinated to the interests of the group and obliged to adapt his conduct to the values which it maintains.

In most cases marriages were contracted in line with a policy designed to strengthen the parental groups, the significance of which we shall see later on. They even preferred unions within the same group – marriages with cousins, nieces, and other relatives – because “from a good stock cannot come a bad thing”, and also for the guarantee of preserving status and economic goods in a society filled with mixed breeds and adventurers. Hence the new family was closely linked, because of its origin, to the families of the bride and the groom; the fathers-in-law and the mothers-in-law (often brothers and sisters, aunts and uncles, cousins, or grandparents) automatically entered into the exercise of a supremacy already outlined or foreseen from the previous relationship. And the married couple (cousins or other relatives) also prolonged in the union a pre-existing tie; hence, perhaps, the relative sanity of situations so abnormally created, without the parties being seen and chosen. We shall see below some of the consequences of these unions, more of groups than of persons, from which was banished the satisfaction of the affectional necessities.

It is clear that a family formed in this manner was not limited to parents, children, and brothers and sisters; it tended to integrate larger groups, who together constituted the social system par excellence of patriarchal Brazil, one based upon parental solidarity. To defend himself, to prosper, to produce, the individual needed the reciprocal interlocking of related groups. If the father of a family headed one unity composed of children, sons and daughters-in-law, and grandchildren, the heads of the families were linked to one another as cousins, uncles and nephews, and other relationships of various degrees, forming a powerful system for economic and political domination and, therefore, for the acquisition and maintenance of prestige and status. In addition to marriage – which is one of the principal manifestations and consequences of this type of organization – the study of the nomenclature of kinship and the study of family conflicts give a clear view of the situation.

The relationships among relatives were ritualized, as were the other relationships. Cousins of all degrees called on another, Senhor Cousin, Cousin So-and-So, Senhor, or vossemecê; the most distant or remotely related were called parente (relative); aunts and uncles were respectively addressed as Senhor Uncle or Senhora Aunt, and of them also blessings were requested. A basic relationship was that of compadrio with or without blood relationship, for it was a kind of super relationship. The tie which linked godparent and godchild was among the most firm; not only was the godparent obliged to take the place of the father, whenever that might be necessary, but he had to aid his godchild was among the most firm; not only was the godparent obliged to take the place of the father, whenever that might be necessary, but he had to aid his godchild on various occasions and ordinarily to present him with cattle; the godchild, in turn, lent the godfather any help the latter needed, and often took the name of his family.

The pattern was made ample and powerful by the fact that in Brazil, as in Portugal, relationship on the maternal side was equally valid and important. The system of names demonstrates this clearly: daughters by preference took the mother’s surname, where as sons took either that of the father or of the

mother. Frequently they also took the name of one of the grandparents or more remote ancestors, paternal or maternal. Out of this arose the difficulty of determining relationships and affiliations in the old documents^{*16}. The name, however, expressed less the tie of filial relationship than the participation in a vast kinship system. In fact, so strictly pragmatic was blood relationship that the acute awareness of it at a given moment did not always create an accentuated sentiment of family pride; furthermore, offspring who were not integrated into the system were quickly forgotten. It is startling how, in Brazil, the families who are most jealous of their family trees do not know the names of their progenitors beyond that of the grandfather.

Whether a man would take his wife to the paternal home and continue as an integral part of the family in which he was born, or whether he would go to her home and become incorporated into her family, was a matter of indifference and depended solely upon the circumstances of the moment. In either case, the kinship relationships with the other family were not obliterated. This policy of admitting sons-in-law and daughters-in-law was facilitated by the marriages within the system, which ended in the creation of a vast family group, firmly anchored in the society, thanks to the solidarity among kin which constituted the greatest guarantee in a patricarchal society, not only of family security and stability but also for the care of incapacitated members. When he came to colonize his Captaincy of Pernambuco (1535) Duarte Coelho brought along some of his important relatives to aid in the management of his enterprises; but he also “ordered to come from Viana his relatives, of whom he had many and very poor ones, who came right away with their wives and children, and commenced to farm the land along with the inhabitants who had already arrived, planting food crops and sugar cane”⁶. And of the efforts of the old fidalgo in tropical America were crowned with success, in contrast to those of most of the other donatários, one of the positive factors must have been the fact that he established them upon the basis of a powerful force integrated in the kinship system.

This is a short sketch of the organized and legalized nucleus of the colonial family, which cannot be understood without the periphery, mentioned above, which constituted an integral part of its organization.

The patriarchal family was composed not merely of the married couples subordinated to the chief but included the household – that is, the servants, the retainers, the slaves, and the children of all, from whom were recruited the occasional mistresses and the concubines of the white men, and among whom lived the children born from such unions^{*17}. As will be seen below, the nature of the patriarchal family relegated sexual and affectional satisfactions to the area beyond its legal orbit. On the other hand, since the whites were a minority until the end of the colonial period, perhaps it would not be exaggerating to say

^{*16} For example, from the marriage, in the seventeenth century, of Tomé de Lara e Almeida with Dona Maria de Almeida Pimentel – the pair having one name in common – there were born: Fernando Paes de Barros, Antonio de Almeida Lara, José Pompeu Ordonho, Lucrécia Pedroso de Barros, Maria de Almeida Lara, Sebastiana de Almeida, Branca de Almeida, Inácia de Almeida, Luzia Leme, and Maria de Almeida Lara Pimentel. Pedro Taques de Almeida Paes Leme. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, 2d. ed., Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1926, Vol. I, p. 164).

^{*17} It also is absolutely necessary for you to know that here the passion for having mulattoes and Negroes in the house is so dominant that if one of them is born in it only by death will he leave; there are many families which have within their doors 60, 70, and more unnecessary persons; I speak of the city because in the country it is not astonishing. All of the children, be they mulattoes or Negroes, are reared with extreme indulgence, the reason why they are all vagrants, insolent, impertinent, and ungrateful.” Luis dos Santos Vilhena, *Recapitulação de Notícias Soteropolitanas e Brasíliaas*, etc. (1802), 2 vols., and supplement, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921, 1935.)

that until the nineteenth century, and for the population as a whole, procreation in general and the satisfaction of the sexual impulse occurred more frequently without than within the legal realm of the family. The latter appeared to be a super-realm, the capstone of this extensive and persistent irregularity.

At the beginning of colonization unions with native women occurred not merely for sexual motives but also for political ones. The whites took the daughters and sisters of the Indian chiefs (in unions which appeared as legal to the native) in order to establish more easily relationship of peace and friendship – a process that was favored by the polygamous practices of the Indians. In the absence of Duarte Coelho, related Friar Vicente, the Capitania of Pernambuco remained in peace under the leadership of his brother-in-law, Jerônimo de Albuquerque, “because of his natural gentleness and good condition, and his having many children by the daughters of the chiefs”⁷. Jaboatão says of Vasco Fernandes de Lucena that “all of the chiefs sought to get him as a relative through a union with their daughters”⁸. Thus numerous whites, important and unimportant, mated with various Indian woman, and their offspring constituted one of the bases for the development of the colonial population. The importation of Negro slaves, earlier in some regions than in others, brought another type of irregular sexual unions for the whites and increased the number of illegitimate half-breeds who, like the others, would either ascend into the legal nucleus or separate from the system.

The first solution was facilitated by the group attitude toward bastardy, extremely tolerant *de facto* and even *de jure*. As is known, the Iberian peoples, perhaps from their prolonged contact with the Moors, viewed the illegitimate child with a complacency which astonished the rest of Europe. At the beginning of the eighteenth century Saint-Simon marveled at the facility with which among the very highest Spanish nobility illegitimate sons automatically inherited money, lands, and titles⁹. At a time when in France, and especially in the Nordic countries, illegitimacy awakened profound horror (as exemplified in the resistance encountered by Louis XIV in his attempts to establish his illegitimate children), in Spain and Portugal the illegitimate child suffered little in comparison with the legitimate in prestige and social status, everything depending upon the disposition of the father.

In Brazil, thanks to the ethnic mixture, the slave regime, and the low density of population, bastardy became even more common, creating a factual situation in which the legal family nucleus functioned as the sustaining axis. On the periphery, thanks to the dissoluteness of the whites and the survivals of African and Indian polygamy, it must have been the rule, and it was only slowly modified by the changes in the functions of the patriarchal family. As late as the first quarter of the nineteenth century, a visitor – it is true that he was little sympathetic with the country – observed in this respect: “The children (illegitimate) have equal rights. The stain of birth is in the color of the skin and not in the origin”¹⁰. Those of illegitimate birth who possessed a fair skin or illustrious fathers often were cared for with relative facility, especially in the early period. We see in the writings of Jaboatão that the children of the famous Caramurú (Diogo Álvares Correia), legitimate as well as illegitimate and all of them *mamelucos*, married men of importance, most of them nobles¹¹. The same thing occurred in the family of Jerônimo de Albuquerque, from whom are descended the most illustrious lines of the Northeast¹². Braz Cubas, *cavalheiro fidalgo*, founder of the Vila of Santos had only “one illegitimate daughter, from whom came a distinguished line of descendants”¹³.

One practice which favored the placing of illegitimate children, and institutionalized bastardy to a certain extent, was that of rearing the children of other parents. In the old families it was frequent for grandparents to rear their grandchildren, for uncles to bring up their nephews, and for people in general to rear the children of their relatives. It was not merely that childless couples cared for orphans, but parents with offspring gave one child and took another, in a kind of exchange which indicates the broad structure of the kinship system and perhaps functioned to reinforce it.

Illegitimate children were benefited directly by it, because in some cases it was almost a kinship obligation to rear and educate the offspring of a relative. Sometimes the woman accepted the children of her husband, especially if they were born before their marriage. An interesting example from the nineteenth century is that of the Baron and Baroness G., fazendeiros in the province of Rio de Janeiro, who, having no descendants, gathered together the illegitimate children of their cousins, rearing, educating, and establishing them in society. Thanks to this customs many illegitimate children of respectable families could rise and participate normally in social life in spite of the restrictions which were always present, even though not strong enough to constitute a barrier. The proof of this is the relative frequency with which, in some parts of the country, are encountered members of old and important families who have Indian and Negroid features. These are families such as the one which originated by the consorting of a Portuguese officer with the illegitimate mulatto daughter of an extremely rich Vaz de Barros in São Paulo during the seventeenth century; or of the marriage of João Pires de Campos under the same conditions¹⁴

In most of the cases, however, the fruits of the irregular unions were excluded from the domestic circle. They either remained as slaves like their mothers or established humble but regular families as in the very significant case, referred to by Manuel da Fonseca, of the illegitimate sister of Amador Bueno, married to an Indian or a mameluco slave who in this way achieved his liberty and established an honored home¹⁵. If none of these alternatives prevailed the illegitimate children, like the freedmen, fell away from the periphery of the familial group and were added to the less esteemed elements in the population, contributing to the formation of the great mass of the socially degraded, the vagabond and disorderly elements, which made up large portions of our population up to the nineteenth century¹⁶. With the cessation of the bandeiras and the gold rush, the dependent mass of unemployed freemen, most of them mixed bloods, were gradually separated from the groups which maintained them – that is, from the patriarchal families in which they served as retainers – and became an amorphous and anonymous social stratum which we find mentioned with apprehension in the letters of the capitães-generais of the second half of the eighteenth century. When the congregation of Jaguari (today the city of Bragança) petitioned for elevation to a vila in 1797, the Câmara at Atibaia, upon which it was dependent, protested; and among the allegations was the one which asserted that the larger part of the Jaguarinos were bastardos, this expression signifying half-breeds generally without social qualifications^{*18}. We find the same in the report of the Câmara of Itú concerning a similar attempt on the part of the congregation of

^{*18} There was in São Paulo a *Bastarda* [thus they called the children of a white man and Indian woman]", etc. Padre Manuel da Fonseca, *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes*, etc. [Lisbon, 1752]. Reprinted by the Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1932, p.233.

Ararituaba, the present city of Porto Feliz¹⁷. The concepts of illegitimacy, race mixture, and lack of social status were, therefore, intimately connected, and only in combination did they actually signify disqualification; any one of them alone was insufficient to deprive the individual of social acceptability. For example, a rich person of mixed blood, or an illegitimate child of a good family and reared by it, escaped the stereotype.

This dramatic consequence of the latifundian economy and of the patriarchal domestic structure should not lead us to believe that the legal nucleus of the family was exempt from the irregularities observed on the periphery. Under the appearances of a proverbial rigidity the nucleus suffered directly the counterblows of the satellite groups. As a result, anchored in the midst of a genuine sexual chaos, it served, on the one hand, as a stabilizing force, and created no merely a tradition of disciplined life but penetrated with its regulatory power into the chaos and formed Christian and monogamous families in the midst of slavery. To a certain extent it halted the unobstructed torrents of sexuality. But on the other hand it suffered from the impact of the situation, which above all facilitated the sexual irregularities of the men, almost imposed by a type of marriage which, nearly always assuming the most rigid form of the contract, excluded the very idea of emotional satisfactions. As a consequence, the colored woman, integrated into the domestic organization as a servant, was an easy prize. Furthermore there was ever present the example of an enormous circle of slaves and retainers delivered over to promiscuity.

The result was that the patriarchal family organization sheltered, in proportions larger than one may think, a deep countercurrent of irregularity in which the desires and sentiments sought to compensate for the obstacles to which they were submitted by the impersonal system of marriage. A patient and courageous work of investigation indicates the frequency with which unmarried girls bore children; it shows the occurrence of secret affairs between brothers-in-law and sisters-in-law, cousins, uncles and nieces, godfathers and godmothers, and even mothers-in-law and sons-in-law. Under the heavy mantle of patriarchal austerity there developed an unobstructed system of compensatory relationships. The experiences of the writer in the investigation of these almost inaccessible aspects of Brazilian family life lead him to the conclusion that the tolerance of them was even greater than one could expect, given the conventionally cruel and exacting type of paterfamilias. Not only women but husbands, fathers, and brothers observed and kept quiet. The explanation, it seems, must be sought in the circumstance, which we shall treat next, that the Brazilian family of colonial times performed a function which was primarily economic and political. For this reason stability and continuity were so important that departures in the emotional aspects were not sufficient to justify the disruption of the family. Since it was not primarily an affectional and sexual system, as is the case today, it was to a certain extent immunized against maladjustments in that sphere.

The traits indicated correspond to the type of family which existed in Brazil from the sixteenth to the nineteenth century and which, as a system of integration, was original in many ways, developed from the necessity of the European colonist's accommodating himself to a tropical economy based upon latifundia and slavery. To some extent it may be said that it constituted the fundamental organization of the colonial period, production, administration, defense, and the social status of the individual being dependent upon it. It is as a function of this organization that we are able to understand the society of the

time, because one who did not belong to it lacked means of participation in the collective life. Therefore if we adopt the criterion of the organization and the self-determination of the group we may say that colonial society was divided into two parts, familial and nonfamilial. The former, composed of the double structure that has already been analyzed, was made up of an autonomic group (the nucleus) and a heteronomic one (the periphery). The nonfamilial portion consisted of a nameless mass of the socially degraded, those cast off by the family groups or brought up outside of them. They reproduced themselves haphazardly and lived without regular norms of conduct.

The autonomic groups (the family of the white or whitish man) formed a tight network, thanks to the kinship system, and, with its heteronomic groups of retainers, constituted a basis for the development of the typical personality of our historical and social formation: the family leader, feller of the forests, Indian hunter, cattle raiser, sugar-cane planter, miner, warrior, and political chieftain.

From the functional point of view, as has been indicated, this solid structure constituted more of a system for bringing order into the economic and political relationship than one for procreation and sexual relations. It was the foundation of the entire economic, political, and social organization, as Oliveira Vianna has demonstrated in his study of the "simplifying function of the great rural property"¹⁸ The autonomy of the great landed estate, combined with the leadership of the head of the family, developed among us the local spirit which made our political history revolve about local interests. Above all, the Brazilian was the man of his family, of his kinship group, and of his village; and later on of his province, conceived of as a federation of municípios.

The structure of the patriarchal family and the mentality formed in it constituted, then, during almost three centuries, the points of support upon which were laid the bases of our civilization. This framework of the Roman type was an organization necessary in order to raise and put into action a centripetal force which regrouped and harmonized all the peculiarities and all the discords and revealed the astounding power of adaptation to envelop and draw into its tentacles not only the members of the family but all types of retainers and the turbulent senzala of Africans. It was a disciplinary instrument producing the order which would not have been established in the chaos of a people in formation, without these powerfully centralized automatic institutions¹⁹.

It is understandable that the changes in the general structure of society would have their repercussions in domestic organization, as was actually the case. The history of the Brazilian family during the last 150 years consists essentially of an uninterrupted series of restrictions upon its economic and political functions and the concentration upon the more specific functions of the family (from our point of view) – procreation and the disciplining of the sex impulse. While the privileged nucleus lost its position of leadership, and while the breadth and rigidity of its structure were being diminished, the heterogeneous elements tended more and more to separate from their peripheral locations and to acquire domestic and social autonomy; finally the great amorphous mass gradually became organized, blending with the previously anomalous mass of degraded persons to form the lower classes of the new society, the majority of whom are now included in the more or less stable monogamic family regime, either through legal or

common-law marriage^{*19}. Thus in one way or another the present day family stems from the patriarchal family, whose characteristics were more or less altered by the actions or the social, cultural, and economic processes such as urbanization, industrialization, proletarianization, immigration, and acculturation.

After analyzing in Casa Grande e Senzala the emotional organization of the patriarchal family as a type of participation in a syncretized culture, predominantly Portuguese but fundamentally marked by Indian and especially African influences, Gilberto Freyre – our great authority on the sociology of the family – analyzed penetratingly, in *Sobrados e Mucambos*, this disorganization of the patriarchal structure in the course of the eighteenth and nineteenth centuries, with the emergence of new ways of living together²⁰. There are zones in which the evolution was very rapid, and others in which the pattern was only slightly differentiated from the old one. In a country such as ours, where the development has been very unequal in various parts, it is still possible for us to find a broad range of family types, from the semipatriarchal to the modern conjugal group unlinked with tradition. Analyzing the disorganization of patriarchal system, Silvio Romero undertook to study the modern family in 13 geographic-economic divisions of the country, each of which has its own more or less distinct type of domestic organization. Recently Roger Bastide attacked the problem, employing the monographic method of analysis in a study of the Brazilian family²¹.

The most significant feature of the change was the diminution at first, followed by the decadence, and today the extinction of the father as a group leader, thanks above all to the division of social labor. The monolithic cohesion of the family, with the rigorous subordination of the younger to the older, was required and guaranteed by their respective roles in the process of production. In an economic panorama limited to the perspectives of the activity, the son and the grandson performed the same tasks as the father and the grandfather, success in this case depending upon experience acquired in the course of time. The son of a fazendeiro was a fazendeiro by force of circumstances.

The evolution of the economy, however, above all following the coming of the Portuguese royal family to Brazil, and the consequent opening of the ports to friendly nations (1808) enriched the social life with a much greater number of possibilities, chiefly by its repercussions in the political sector and the appearance of new types of leaders. Leadership came to be dependent not merely upon force and economic prestige but also upon intellectual capacities. Before the son of the family, as in front of the person consumed with ambition, there opened such perspectives that he could separate from the almost suffocating sphere of family life and, consequently, from the tutelage of a father in whose activities he no longer perforce had to participate.

Nevertheless, the partial preservation of the latifundian economy (now adapted to new types of production and work) maintained the great social inequalities between the rural strata and preserved remnants of the previous situation (deeply rooted in the collective conscience, especially with reference to values and ideological systems). It facilitated the survival of semipatriarchal relationships in many regions,

^{*19} Although the data are lacking it is possible to conjecture, for example, that only from the middle of the nineteenth century was there a tendency for the formation of a legal Negro Family, along Christian and monogamic lines; in the regions of great concentrations of Negroes, however, such as Bahia and Maranhão, there remain intimately connected with it primitive practices of domestic and sexual organization, with the tendency to polygyny, the dominant position of the woman in relation to the children, and the whole magical framework for regulating marriage, preferences, separations, and reparations.

both with respect to the organization of the domestic unit, and the relationships of this with the mass of caboclo, Negro, and mulatto workers.

In the regions of traditional Brazilian populations, which have been more or less immune to the great surge of industrialization and immigration, the old systems of values offered substantial resistance. There are some parts of the North and the Northeast in which, despite economic conditions that sometimes are precarious, we may observe among all social classes the high birth rate along with the persistence of the practice of the woman's performing the role of director of the household, despite her seclusion and submission to the husband. And there we observe the trait, still more characteristic, of the maintenance of solidarity among the kinship group, with a survival of its social function. Examples are the practice of giving lodging to travelers and, more important, that of students residing in the homes of relatives and friends in a perpetuation of the old system of family obligations. And perhaps this may be one of the causes of the proverbial success of the northeasterners who migrate to the southern states, principally to São Paulo and Minas Gerais. A cousin, a distant relative, merely a person from the same area, faithfully performs the function of arranging a place for the migrant from his state of birth, assisting him with a solicitude and spirit of solidarity which no longer exists in the individualistic behavior of the inhabitants of the southern states, and which is probably due to the survival of the kinship ties.

Contrary to what may seem to be the case, immigration frequently contributes to the maintenance of the old patterns, not only because the immigrants adopt semipatriarchal traits through cultural contact, but because in many cases they themselves are the carriers of analogous traits. This is, for example, the case with the Italians from the southern part of the peninsula, with their strongly paternalistic tendencies, and above all with the Syrians, still immersed in a semipatriarchal organization, which they defend tenaciously through segregation and inbreeding²².

Among the native rural population and the lower classes in the cities throughout the country we may also observe the preservation of aspects from the old system of organization. These groups and strata, themselves the most conservative, preserve traits acquired at the time when their contact with the latifundian patriarchal family motivated a certain transmission of values. Through the influence of these they organized themselves into regular families and began to rise out of the degraded and chaotic condition in which they had been living.

More than any other stratum the city proletariat is subject to the phenomenon of social and personal disorganization, not merely because of the deplorable conditions under which its members live, but also because they consist largely of rural masses who have been attracted by industrialization and who suffer all the consequences of a maladjustment brought about by a rapid change in the cultural environment. When it presents a satisfactory index of organization, it is, perhaps, due to the inheritance of the familiar virtues indicated above and also to the system of interfamily solidarity characteristic of the neighborhood features of their ecological distribution. The forced intimacy in the districts of modest homes is favorable not only to a type of solidarity almost always to be admired, socially and morally speaking, but it establishes between neighbor and neighbor a reciprocal control which is influential in the maintenance of certain patterns of domestic behavior. Urban folklore and popular songs frequently register this control, as in the song:

Menina que entra em casa Às quatro da madrugada,
Enquanto pela escada vai subindo, Na boca dos vizinhos vai caindo.
(The girl who comes home
At four in the morning,
While she is rising by the stairs
Is coming down on the tongues of her neighbors.)

Urbanization is the decisive factor in the evolution of the family. It began on an appreciable scale during the nineteenth century when the rural elite began to seek out the city for residence, and later for work, and it developed principally during the present century, augmented successively by each industrial development. Not only have enormous masses of rural workers and the inhabitants of small cities migrated to larger centers, but also the urban material and nonmaterial culture traits have diffused over extensive areas.

By imposing the participation of the woman in the work of the factory, the store, and the office, urbanization disrupts the traditional sequestration of the Brazilian family, rich and poor, and alters in a decisive manner the status of women, bringing it ever nearer that of men. The immediate consequences are seen in the new types of recreation and of courting, which at present imply much more frequent and direct contact between boys and girls, among the common people as well as among the bourgeoisie. The habit of going to the dances, to the movies, and the almost universal establishment of "footing" are destroying (by substituting more intimate processes) the traditional organization of courtship, notes, pretty speeches, serenades-chaperons. Above all they are modifying the initiative in marriage, transferring it from the parents to the interested parties themselves, since with the dissolution of the kinship system it is becoming more and more of an individual and less of a group matter. In the urban centers, large and small, it may be said that courtship now is essentially the same for all classes. Now general in the smaller cities is the institution of "footing", which has brought a genuine revolution in family customs. Its organization is along patterns that are more or less constant, including the relegation of each social stratum to a specific area, and the arrangement of the itinerary and the disposition of the sexes so that, in each round, the boys and the girls will encounter one another. The principal consequence is the rupture of the family seclusion and the recognition by the family of the rights of the suitor.

In the realm of domestic relations the changes in the status of man and woman brought direct consequences in the behavior of the children. Parents are treated with greater cordiality and intimacy, the use of *você* in place of *senhor* became general (but the latter persists in rural zones and among the common people), and the practice of kissing replaced the blessing or was combined with it. In turn the parents gradually reduced the extremes of severity which formerly were prevalent. Among the urban bourgeoisie corporal punishment is rare, either with the hand, the ruler, the willow, or stick, once commonly used. Furthermore, the Brazilian family had a long tradition of indulgence, one of its most deeply rooted patterns being that it is necessary to respect indiscriminately the desires of the child in matters pertaining to food and play.

As a system of prestige and retribution, kinship beyond the conjugal group no longer exists. The designations of relative and cousin have practically disappeared; compadre and godfather persist in the rural zones, stripped however of their importance and reduced to a mere formula of address since the

godfathers rarely function as second fathers for their godchildren. The ancient respect is no longer paid to aunts and uncles, nor is their blessing asked, while the hierarchy of relationship among brothers and sisters has almost entirely disappeared, with the decrease in the size of the family and the vanishing of familial leadership. In the same manner hospitality is disappearing as an intra and interfamily system of solidarity and the exchange of services. Some time ago, for example, it was inconceivable that one might go to a hotel in a city in which he had a relative, or that a child who was separated from his parents should not reside in the house of a relative; today domestic hospitality is tending to disappear, and people do not travel hundreds of kilometers in order to be present at a marriage or baptism, in spite of the greatly improved means of transportation. Finally, the disappearance of blood feuds and conflicts between families is an evident sign of the disintegration of the collective consciousness of kinship in favor of a restricted domestic organization, of the conjugal structure, adapted to new social and economic conditions.

In the area of political repercussions, we are witnessing the slow disappearance of family hegemony, first in the South and then in the North; in one area after another, first in the realm of state government and then in that of local government. At the beginning of the century Silvio Romero still could draw an imposing picture of the state oligarchies based on the domination of family groups, which disappeared shortly after²³; the elections of 1945, 1946, and 1947 demonstrated, especially in the South, the fall of the family oligarchies in the municípios. The family no longer is an economic and political group, nor is it any longer the all important group in social organization.

As has been seen, the tendency is toward a rapid transformation in what remains of the patriarchal organization, the following traits emerging: equality of status on the part of men and women; a greater and greater participation of women in gainful activities; the increase of birth control; increase in the number of *desquites*, and of marriages with *desquitados**²⁰; decrease of paternal authority and a consequent diminution of distances within the family; a weakening of the bonds of kinship and consequently a change from the extended family to the conjugal group. Other traits, however, are vigorously preserved: tolerance for discreet adultery on the part of the male; intolerance of adultery on the part of the woman; and a violent taboo against loss of virginity on the part of the females, even in the most urbanized centers.

The sense of proprietorship which the Brazilian man of any class has in relation to his wife is preserved almost integrally, manifesting itself in the jealousy (the traditional Iberian jealousy) and, principally, by that decisive importance attributed to premarital chastity – a solid collective representations which occurs in all groups, among all classes, and gives way only under circumstances of destitution and misery. With very few exceptions the woman who has lost her virginity either succeeds in keeping the matter secret, and all goes well, or she has only three alternatives: prostitution, discreet or, if she be poor, open; celibacy; or a marital arrangement. Although today more than formerly the number of girls who have sexual relations prior to marriage is large, the old pattern seems to continue intact, creating for them tremendous problem of adjustment. With the extension of family organization to the lower

*²⁰ In Brazil there is no divorce, owing to the strong opposition of the Catholic Church. Couples obtain a legal separation, which is called *desquite*; then they marry again in Uruguay or Mexico. At first such unions were frowned upon, but today they are frequent, and accepted, even in the most unyielding circles, as an inevitable accommodation.

classes, following the abolition of slavery and the development of urbanization, the taboo probably has increased in intensity, as a consequence of the increased number of legalized families or stable marital situations.

Out of this comes the great intolerance for adultery on the part of the female, alongside relative indulgence on the part of the male. Frequently unmarried girls and young married women express the opinion that, since man is by nature unfaithful, they will demand of the husband only that he be discreet in his infidelities, that he will keep them hidden and not disgrace the family.

Confronted with such patterns it is not strange that prostitution should be in Brazil – as it is – a general phenomenon and fully accepted by the family and by the authorities*²¹. A widely accepted idea is that the boy needs to *desemburrar* – that is, to begin his sexual life precociously. Hence the tolerance for prostitution, which may be said to be an indispensable complement of the present familial organization in Brazil; if girls retain their virginity, if marriage is indissoluble, if boys commence their sex life early, and if husbands have a certain right to infidelity, clearly there must be a certain class of women to equilibrate the situation. And, as in other counties, the ranks of the prostitutes are filled with girls from among the common people, whose financial difficulties or the loss of virginity lead them to seek this means of livelihood.

From the sociological standpoint, in the historical perspective in which we are interested, prostitution prolongs to a certain extent the situation analyzed in relation to the patriarchal family, in which the organization of the family nucleus included the possibility of a certain irregularity in the sexual conduct of the males, thanks to the periphery of subject persons, formerly slaves and *agregados*, and today prostitutes*²².

To this situation is linked a masculine attitude, widespread and of the greatest importance for the understanding of our ethos: our sexual bravado. In Brazil from the first the manifestation of generative capacity was a part of the collective representation of virility. Men are accustomed to boast, with or without a basis, of their energies in this respect and of the success which they have with the women, the faithful husband being frequent who, nevertheless, affects the pretension of being a Don Juan. The chaste man as an ideal type is practically non-existent, contrary to the situation in other cultures. This is carried to such a point that parents, even while seeking to preserve the purity of their sons, feel somewhat disappointed if they really succeed. This representation of the man as sexually strong and forward – the *machão* of slang – expresses a whole complex of sexual relations, historically conditioned. It presupposes the traditional domestic status of the procreating patriarch, the *de facto* polygyny favored by slavery, and the secondary position of the women.

*²¹ In Brazil the prostitute is tolerated and submitted to disciplinary and hygienic regulations by the police. Generally the houses of prostitution are restricted to a special area. A few years ago the police of the Distrito Federal prohibited prostitution and established a rigorous vigilance in order to impede its indiscreet manifestation in the city of Rio de Janeiro

*²² By this it is not intended to say that prostitution in Brazil appeared in the modern period; it prevailed widely during colonial times, with an intensity that perhaps was greater than today. Nevertheless, in those times it was either that which we have analyzed above as the irregularities of relationship among the autonomous family group and its periphery of subjects, or it was a state of promiscuity on the part of those who lacked status in the social scale. Beginning with the nineteenth century, however, it became institutionalized as a complementary structure to the family organization, coming to be a characteristic group strongly degraded

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ¹ A. de Souza Silva Costa Lobo, *História da Sociedade de Portugal no Século XV*, Lisbon: Imprensa Nacional, 1904, p.235
- ² Tomás Antonio Gonzaga, *Marília de Dirceu e mais Poesias*, Lisbon: Livraria Sá da Costa, 1937, pp. 200-201.
- ³ *Poesias*, Lisbon: Sá de Costa, 1943, p. 191.
- ⁴ *Vida e Morte do Bandeirante*, 2d ed., São Paulo: Empresa Graphica da “Revista dos Tribunais”, 1930, p. 154.
- ⁵ Letter in possession of the author.
- ⁶ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, Nova Edição, São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1918, p.108.
- ⁷ Vicente do Salvador, op. cit., p. 116.
- ⁸ Frei Antonio do Santa Maria Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico brasílico*, etc., Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de M. Gomes Ribeiro, 1858, V. 1, 1, p. 139.
- ⁹ Duc de Saint-Simon, *Mémoires*, Paris: Hachette et Cie., 1910, Vol. II Ch. 22.
- ¹⁰ Karl Schlichthorst, *O Rio de Janeiro como é – 1824-1826* (translated by Emmy Dodt and Gustavo Barroso), Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943, p. 78.
- ¹¹ Jaboatão, “Catálogo Genealógico das Principais Famílias”, *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo I.II, Parte I, Rio de Janeiro, 1889, pp. 138-140; and op. cit., p. 53.
- ¹² Jaboatão, “Catálogo”, pp. 13, 14, and 28.
- ¹³ Frei Gaspar da Madre de Deus, *Memórias para a História da Capitania de São Vicente* (1797), 3d ed., São Paulo and Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920, p. 163.
- ¹⁴ Pedro Taques de Almeida Paes Leme, *Nobiliarquia Histórica e Genealógica*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1926, Vol. II.
- ¹⁵ Padre Manuel da Fonseca, *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes*, etc. (Lisbon, 1752). Reprinted by the Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1932.
- ¹⁶ Cf. *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo (60 volumes published to date), passim. The most reliable analysis of the problem is found in Caio Prado Junior. *Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942, pp. 279-284. Perhaps the earliest systematic expositions is that of Luis dos Santos Vilhena, *Recapitulação de Notícias Soteropolitanas e e Brasília*, etc. (1802), 2 vols., and supplement, Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921, 1935. This work is fundamental for an understanding of the social situation in Brazil at the end of colonial period.
- ¹⁷ Cf. *Documentos Interessantes*, Vols, XV and LVI.
- ¹⁸ *Populações Meridionais do Brasil*, 3ª ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933, Part II.
- ¹⁹ Fernando de Azevedo, *Canaviais e Engenhos na Vida Política do Brasil*, Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1948, pp.12-13.
- ²⁰ Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora nacional, 1936.

²¹ Silvio Romero, *O Brasil Social*, Rio de Janeiro, 1907; Roger Bastide, “A Monografia familiar no Brasil”, *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), Vol. I. XXVIII (1941), pp. 5-26.

²² The problems of acculturation in the domestic area, among the German immigrants have been studied by Emilio Willems in his *Assimilação e Populações Marginais*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, and especially in *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946, Ch. 13. The same sociologist analyzed some sociological aspects of the family of the Japanese colonists in *Aspectos da Aculturação dos Japoneses no Estado de São Paulo*, Boletim No. LXXXII, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1948.

²³ “As Oligarquias e a sua Classificação”, in *Provocações e Debates*, Porto, 1910, pp. 401-416.